

>pais & mestres

Sugestão de aula: ensino fundamental

O jornalismo nas escolas

LINHA DO TEMPO: A HISTÓRIA DO BRASIL E O JORNALISMO

A história do jornalismo brasileiro é rica em acontecimentos que demonstram o poder dos meios de comunicação e, em particular, dos profissionais da imprensa. Foi por temer este poder que Frei Caneca, jornalista do Recife, foi condenado à morte, no início do século 19. Ficaram famosas as investidas do jornalista Carlos Lacerda contra Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, nos anos 50 do século 20, causando a desestabilização do governo e, futuramente, o suicídio do Presidente. O jornal "O Estado de São Paulo" fez história ao resistir à censura imposta pela ditadura militar aos órgãos de comunicação, nos anos 1970 e 1980, contribuindo para a abertura do regime. A mídia impressa está, igualmente, relacionada à mobilização da classe média em torno do movimento pelas "Diretas Já". Mais recentemente, os resultados das eleições que levaram Collor ao poder são atribuídos à forma como a Rede Globo editou um debate entre os candidatos. Hoje, jornais, emissoras de rádio e de televisão, bem como sites na internet, são o principal espelho do País a dar sustentação ao clamor nacional por uma política de combate à corrupção e mais comprometida com as causas públicas. Na verdade, a história do jornalismo no Brasil está profundamente ligada à história do País, desde o momento em que a imprensa instalou-se em nosso território, com D. João VI, em 1808. O jornalismo vem atuando, contudo, ao longo da história, numa relação complexa com a vida social, pois ao mesmo tempo em que relata os fatos, também deles participa, de modo ativo e, às vezes, até mesmo decisivo. A questão a discutir é: os alunos têm a noção exata da relação entre mídia e história?



1808: A chegada da corte portuguesa faz com que a imprensa seja definitivamente instalada no Brasil, com a criação da Imprensa Régia. Em 10 de setembro, é publicado o primeiro número da Gazeta do Rio de Janeiro, jornal oficioso, que divulga atos do governo, editais, pequenos anúncios e, com atraso de meses, notícias estrangeiras. O ano também é marcado pelo surgimento, desde junho, do mensário Correio Brasileiro, editado em Londres, sem submeter-se à censura, por Hipólito José da Costa. O caráter crítico do Correio e seu papel na formação da opinião pública ressaltam a importância desse periódico, em termos do jornalismo no País.

1821: O ano que D. João regressa à Portugal é marcado pelo aumento do número de jornais no Brasil. Geralmente as publicações, como A Malagueta e o Revêrbero Constitucional Fluminense, possuem um caráter opinativo e panfletário, muitas defenderam a Independência (que ocorre no ano seguinte) e outras causas. Porém, é nesse ano também que surge um pioneiro jornal informativo, o Diário do Rio de Janeiro, que devido ao seu preço era conhecido como "Diário do Vintém", ou "Diário da Manteiga", por publicar o preço desse produto.

1823: O jornal Tifis Pernambucano, lançado no final de 1823, por Frei Caneca, ataca o despotismo do Imperador D. Pedro I, incitando o povo à revolta. O movimento é debelado com violência e, em 1825, Frei Caneca seria fuzilado.



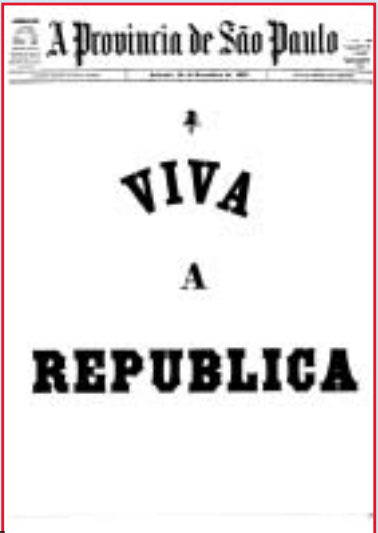
1830: O assassinato do jornalista paulista Libero Badaró, do Observador Constitucional, em um atentado cujo mandante era um juiz próximo a D. Pedro, acirra os ânimos já exaltados contra o Imperador, que no seguinte abdica em favor de seu filho, então com cinco anos.

1830-1840: Durante o período da Regência ocorrem várias revoltas nas províncias (Cabangem, Balaia, Guerra dos Farrapos), nas quais, muitas vezes, há influência de uma imprensa doutrinária.

1840-1889: No Segundo Reinado de D. Pedro II, a imprensa no país sofre um processo inicial de modernização. Surge nesse contexto **A Provincia de São Paulo**, em 1875, defendendo a República e a Abolição da escravidão. Essas causas seriam adotadas por muitos outros jornais, impulsionando essas idéias. O dinamismo da imprensa ilustrada publicada no Rio de Janeiro e a colaboração de escritores, como José de Alencar e Machado de Assis, nos jornais, são outras características do período.

1889: A proclamação da República é saudada pelos jornais, como na **capa histórica de A Provincia de São Paulo**, que passaria a se chamar O Estado de São Paulo, no ano seguinte.

1928: A ampliação da imprensa durante a Primeira República, a despeito das limitações à liberdade da mesma, é atestada pelo lançamento da revista O Cruzeiro, pelo jornalista e empresário do setor Assis Chateaubriand.



1930-1945: No período que se inicia com a Revolução de 1930, e em que Getúlio Vargas foi a figura política dominante, a imprensa irá consolidar seu caráter empresarial e informativo. Ela ainda cresce, devido ao alargamento do mercado, mas sofrerá muitas limitações, em particular no período do Estado Novo (1934-1945), quando Getúlio Vargas buscou controlar a imprensa pela censura e intimidação.

1932: Jornais como A Gazeta, de Cásper Líbero, e O Estado de S. Paulo estiveram na vanguarda de apoio ao movimento constitucionalista.

1941: Para informar a população sobre a Segunda Guerra tem início, no Rádio Nacional, o Repórter Esso.

1950: A editora Abril é criada, com a publicação de O Pato Donald, e nos anos seguintes teria papel importante no jornalismo do país, com a edição de revistas como Realidade (1966) e Veja (1968).

1951: Surge, com o apoio de Getúlio Vargas (então presidente eleito), o jornal Última Hora, de Samuel Wainer, que logo se tornou um dos grandes jornais do país.

1954: Em 24 de agosto ocorre o suicídio de Getúlio Vargas, precedido pela crise governamental, para o qual uma CPI contra Wainer, criada no ano anterior, objetivando embaraçar o presidente, e o atentado ao político de oposição e o jornalista Carlos Lacerda colaboraram.



1964: A deposição de João Goulart é apoiada por vários jornais, e por segmentos da sociedade, descontentes com os rumos do governo. Muitos jornais, porém, logo passaram a criticar o regime militar, por suas características autoritárias.

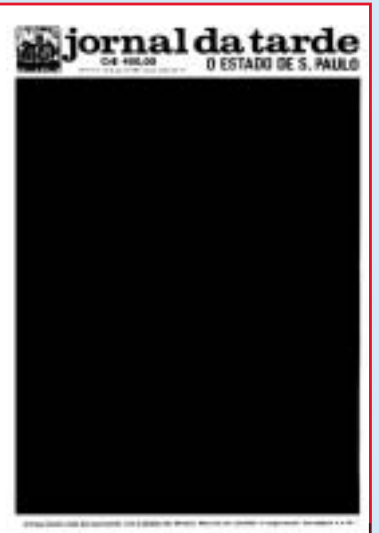
1964-1980: A revista Pif-Paf, criada por Millôr Fernandes, em 1964, dá início a ciclo importante de publicações independentes, a chamada "imprensa alternativa", com títulos como O Pasquim (1969), Opinião (1972) e Movimento (1975). No início dos anos de 1980, esse ciclo encerra-se.

1966: O grupo Estado lança, com uma proposta inovadora, o **Jornal da Tarde**.

1968: A edição do AI-5 favorece a repressão governamental à imprensa. Os periódicos procuram denunciar a censura, que se institucionaliza disfarçadamente, por meio de estratégias como a publicação de receitas, poemas, anúncios inusitados no lugar de informações censuradas.

1969: A Rede Globo, que se tornaria a líder do setor, beneficiada pelo apoio ao governo, lança o Jornal Nacional.

1975: O jornalista Vladimir Herzog, então diretor da TV Cultura, é assassinado nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo. Os protestos da sociedade provocam crise no governo Geisel. No ano seguinte, com outro assassinato em circunstâncias similares, o presidente demite o comandante do II Exército em São Paulo, sinalizando o desejo de promover a abertura política.



1984: Apoiada por parte importante da imprensa, a campanha das "diretas já" empolga a população. Em 24 de abril de 1984, quando a emenda das "Diretas" é rejeitada, **os jornais estampam a decepção popular** (Capa Preta JT).

1989: A veiculação de trechos do debate entre Collor e Lula, no Jornal Nacional, até hoje provoca polêmica. Alguns acreditam que ela foi decisiva na vitória de Collor na disputa pela presidência.

1992: Uma série de denúncias contra o presidente Fernando Collor provoca a abertura de uma CPI que conduz ao primeiro impeachment de um presidente brasileiro.

1995 : É lançada a primeira edição online de um jornal brasileiro, o Jornal do Brasil Online.

2004-2005: A denúncia feita pela revista Época, em fevereiro de 2004, e posteriormente abordada por todos os órgãos de imprensa, do escândalo Waldomiro Diniz representou o arranhão inicial no patrimônio ético petista já na presidência, com Lula. Nesse mesmo ano, o Jornal do Brasil publica reportagem que fala pela primeira vez no "mensalão". Porém, só no seguinte, no contexto de denúncias de corrupção nos Correios, e das declarações do então deputado Roberto Jefferson, é que é criada uma CPI. Em meio à crise política, ganharam mais visibilidade e importância os blogs informativos e o jornalismo digital de modo geral.

FONTE: NCE-USP COM INFORMAÇÕES DE [HTTP://WWW.HISTORIJORNALISMO.BR21.COM/](http://www.historiadjornalismo.br21.com/)

PESQUISA - JT/NCE-USP
O Núcleo de Comunicação e Educação da USP quer ouvir a opinião do leitor do JT sobre as sugestões de aula propostas aos domingos. Se você já desenvolveu alguma das atividades sugeridas na coluna "pais e mestres" e tem interesse em relatar a sua experiência ou até mesmo quer sugerir novos temas, entre em contato por meio do site: <http://www.usp.br/nce/email>

MARIA REHDER

maria.rehder@grupoestado.com.br

A aula de hoje, proposta pelo **JT** em parceria com o Núcleo de Comunicação e Educação, coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, tem o objetivo de instigar o aluno a investigar, a partir de uma abordagem educacional, a influência da mídia nos fatos mais importantes do País e discutir a relação entre história e memória coletiva. A sugestão foi elaborada por Richard Romancini, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e professor da Faculdade Montessori.

OBJETIVOS

1 Esta atividade proposta tem como objetivos identificar a influência do jornalismo e da mídia em geral em momentos importantes da história do Brasil e problematizar as diferenças entre o registro apresentado pelos jornais e a história elaborada pelos especialistas.

MATERIAIS

2 Esta atividade requer pesquisa em livros e em textos na internet, entre os quais o site www.historiadjornalismo.br21.com. Durante a apresentação dos seminários, o docente deve estimular o emprego de equipamentos que possibilitem o uso de imagens (fotos, filmes etc.) e de sons (trechos de áudios radiofônicos ou música).

rios, o docente deve estimular o emprego de equipamentos que possibilitem o uso de imagens (fotos, filmes etc.) e de sons (trechos de áudios radiofônicos ou música).

DESENVOLVIMENTO

3 1ª Etapa: sensibilização
O primeiro movimento da proposta de aula é buscar a relação entre "memória social" e história. A pergunta, neste momento, é: estamos meios de comunicação tão envolvidos com acontecimentos, podem eles serem usados como fontes para o estudo da história?

Para discutir este tema, o professor é convidado a promover uma análise sobre como a história é elaborada. Para tanto, primeiro deve apresentar o papel atribuído tradicionalmente aos especialistas – os historiadores – que fazem uso de fontes oficiais e de documentos confiáveis, aproximando eventos relativamente afastados no tempo, definindo relações de causa e efeito entre eles. Em segundo lugar, deve colocar em discussão o modo como os jornais e os meios de comunicação registram os acontecimentos do dia-a-dia (como os jornais elaboram suas pautas e que tipos de fatos

merecem a atenção dos editores). O segundo movimento gira em torno do próprio conceito de memória social. O professor tem de apontar para o fato de que as memórias sociais dos diferentes grupos são cada vez mais afetadas por sua exposição aos meios de comunicação. No caso, mesmo que um jornal não seja o promotor de eventos espetaculares, estará presente na forma pela qual seu leitor vai ler a realidade. Essa dialética entre "memória social" (forma como a população reflete sobre seu passado e interpreta a história presente) e "memória erudita" (forma como os historiadores, embasados em documentos, descrevem e interpretam os acontecimentos do passado) nem sempre encontram correspondência entre si. Em outros termos, a memória social (reforçada, no cotidiano das pessoas, pelos registros feitos pelos profissionais da comunicação) possui diferenças em relação à denominada memória erudita, elaborada pelos profissionais da história. Quais seriam essas diferenças em cada caso? Poderia um jornal ou revista de determinada época ser usada como fonte para o estudo da história do período em questão?

Essa primeira parte de discussão teórica e de sensibilização termina com a proposta para a elaboração de dois tipos de seminários por parte dos estudantes: um primeiro (seminário A), destinado a abordar, a partir da perspectiva erudita, os momentos da história contemporânea em que houve forte relação entre o jornalismo e a situação política brasileira. E um segundo (seminário B), constituído de entrevistas com pessoas de idade avançada (eventualmente de suas famílias), convidadas a falar sobre os mesmos fatos, a partir de suas próprias lembranças (memória social).
2ª Etapa: pesquisas
Esta parte corresponde ao trabalho de confrontação entre a pesquisa histórica (erudita) e a pesquisa da memória social (influenciada pela mídia). Para tanto, os alunos devem ser divididos em dois grupos. No caso, o tema escolhido será trabalhado igualmente pelo grupo "A", a partir da perspectiva da história erudita, e pelo grupo "B", a partir da memória popular. É preciso escolher temas que estejam ao alcance da memória dos pais, tios e professores dos alunos. Sugere-se a escolha de um ou mais desses temas:

- a) Getúlio Vargas e a imprensa;
 - b) Os meios de comunicação e a queda de João Goulart;
 - c) O movimento "diretas já" e os meios de comunicação;
 - d) O jornalismo e o impeachment de Fernando Collor.
- Os grupos dos seminários "A" devem consultar a bibliografia sugerida nesta aula. Já os grupos dos seminários "B", voltados para a pesquisa a partir da memória social, necessitarão da ajuda do professor para compreenderem a natureza do tema em questão, de forma a facilitar as entrevistas com adultos (pais, tios, personalidades do bairro).
3ª Etapa: seminários
Cada dupla de grupos de pesquisa (erudita e de memória social) apresenta seu próprio seminário. Caso o primeiro grupo a se apresentar seja o que estudou o acontecimento sob a perspectiva acadêmica, o segundo será o que o analisou sob a perspectiva da memória social.

de comunicação tiveram no estabelecimento da chamada memória social e às condições necessárias para que se use a mídia como fonte de pesquisa histórica.

PAPEL DO EDUCADOR

5 A partir desta aula, o professor-educador vai incentivar a expressão, a argumentação e a apropriação da história por parte dos estudantes, que, por meio dos exercícios de pesquisa e de apresentação, poderão se ver mais explicitamente na condição de construtores de seu próprio conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

6 ABREU, Alzira Alves de. *Getúlio Vargas e a imprensa: uma relação conflituosa*; AMADO, João. *Os jornalistas e o Golpe de 1964*; CARONI FILHO, Gilson. *O último favor aos generais*; MATOS, Carlos Eduardo. *Diretas já 20 anos depois*; JOSÉ, Emiliano. *Collor e a mídia brasileira*; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *29 de setembro de 1992: o impeachment de Fernando Collor*. **Consultoria educacional:** Izabel Leão, Carmen Gattás, Luci Ferraz e Salete Soares

>pó de giz

Centro Paula Souza contrata professor

O Centro Paula Souza vai contratar professores para ministrar aulas de disciplinas do ensino técnico no Programa Especial de Formação Pedagógica. As inscrições começam amanhã e vão até 3 de agosto. O objetivo do programa é proporcionar licenciatura a profissionais graduados para exercerem o magistério. Informações podem ser obtidas pelo e-mail gerenciaregional@centropaulosouza.sp.gov.br.

Anote



Estação Ciência apresenta mostra em 3D

A Estação Ciência da USP promove a partir do dia 25 de agosto um ciclo gratuito de apresentações tridimensionais. **Os Impressionistas em 3D** será o primeiro ciclo, que, por meio de técnicas

especiais de computação, exibirá pinturas de Cézanne, Chagall, Gauguin, Manet, Monet, Renoir, Seurat e Van Gogh. Os eventos são gratuitos e ocorrem em sábado por mês. (www.ciencia.usp.br)

Estão abertas até 3 de agosto as inscrições para o Curso Básico de Língua Brasileira de Sinais (Libras) da PUC-Campinas. Inscrições no link 'extensão' do site www.puc-campinas.edu.br

Site do NCE-USP traz aulas do 'JT'

Por meio do site www.usp.br/nce, é possível acessar as sugestões de aulas que foram publicadas aos domingos pelo 'JT' em parceria com o Núcleo de Comunicação e Educação da USP, coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares. O site também traz vasta bibliografia para os interessados em informações sobre a Educação, mídia na escola e a intervenção dos meios de comunicação no campo da educação.



O jornalismo e o sistema midiático, no Brasil, relacionam-se intensamente com a sociedade", RICHARD ROMANCINI, DOUTOR EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO PELA ECA/USP E PROFESSOR DA FACULDADE MONTESSORI

Feira do Vestibular em São Paulo

A Feira do Vestibular (Fevest) está com inscrições abertas para as escolas que desejam levar seus alunos ao evento que ocorrerá de 22 a 25 de agosto no ITM Expo, na Vila Leopoldina, em São Paulo, e vai reunir universidades de todo o Brasil, entre elas 15 instituições públicas, com o objetivo de auxiliar os estudantes do ensino médio a escolher a futura profissão. Informações: 11-6168-7469 ou 11-3482-6180.